



Astréa

Informativo Virtual do Supremo Conselho

NEWS

ABIM - 008JV

Ano VII nº 77EE - Setembro/17



22 Anos de Fundação Posse de Novos Confrades I Simpósio Cultural



Edição Especial



Seu Balcão Virtual!



Vista frontal do prédio administrativo do Supremo Conselho - Rio de Janeiro - Brasil.

Esta Edição Especial do Informativo Astréa News apresenta mais um memorável evento cultural realizado pela AMAFLE – Academia Maçônica Fluminense de Letras. Em comemoração ao Jubileu de Louça da Academia, foi realizada uma programação especial incluindo, também, a posse de dois novos Confrades e a realização do I Simpósio Cultural da AMAFLE.

O Supremo Conselho tem dado especial atenção em incentivar o estudo e a pesquisa, e, para tanto, as atividades acadêmicas da AMAFLE tem sido

um referencial, congregando valorosos Irmãos que têm se empenhado, denodadamente, em contribuir para o engrandecimento da cultura maçônica, em geral, e do Rito mais praticado do Brasil, em particular.

Esta edição aborda, em detalhes, a memorável Sessão Magna de Aniversário de 22 Anos de Fundação, trazendo também, uma síntese de todos os Trabalhos Literários apresentados.

Boa leitura para todos. Encontrar-nos-emos na próxima edição! ✍

Informativo Virtual Astréa News

Órgão Oficial de Divulgação do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil
Fundado em 17 de maio de 2011

Diretor Presidente - Ir.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Editor Responsável - Ir.: Francisco Feitosa da Fonseca, 33º
Jornalista MTb 19038/MG

Correspondências
Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
Rio de Janeiro-RJ - Brasil - CEP 21321-624

www.sc33.org.br / astreanews@sc33.org.br
☎ (21) 3369-8000 ramal 224



22 Anos de Fundação

Em um de seus princípios fundamentais, a Maçonaria faz questão de ratificar seu compromisso de combater a ignorância, em todas as suas modalidades, não impondo nenhum limite à livre investigação da verdade, posicionando-se como uma instituição que visa tornar feliz a humanidade, pelo amor e pelo aperfeiçoamento de costumes. Tornar feliz a humanidade é livrá-la dos grilhões da ignorância, livrando-a dos véus que encobrem a Verdade dos fatos.

Além de em nossos Templos, valorosos Irmãos, ávidos pelo saber, buscam se reunir com seus afins, com o objetivo comum da investigação da Verdade, e de forma responsável e solidária, espargir seus conhecimentos aos demais, abordando os mais variados temas.

Nossa Ordem como uma escola de aperfeiçoamento de homens, por excelência, não poderia deixar de se inspirar na altruística iniciativa da Academia de Platão, para fundar Academias Maçônicas de Letras, como verdadeiros celeiros culturais, congregando Maçons da mais alta estirpe.

Em uma Academia reúnem-se os maiores expoentes culturais de uma sociedade, a fim de integrarem valores e experiências, contribuindo para

o crescimento, divulgação e aplicação da cultura, da moral e da ética, valores que fundamentam a justiça social de uma população.

Academia Maçônica de Letras, segundo o Dicionário de Maçonaria, de autoria de Joaquim Gervásio de Figueiredo, significa: *“Sociedade civil literária de Maçons, de âmbito nacional, constituída sobre bases democráticas, com a finalidade de incentivar a cultura e letras maçônicas”*.

Dentro desse contexto, surgiram ao longo do tempo, em nosso país, tais instituições culturais, a contar pela Academia Maçônica de Letras do Brasil,



foto - Matheus Paiva



Recepção aos Confrades e Convidados na sala de Chá, antes do evento.

fundada há 45 anos, que impulsionou o surgimento de um sem número de Academias Maçônicas, que, em muito, vem contribuindo para engrandecimento do estudo e da pesquisa no seio das Lojas Maçônicas.

Não diferente disso, um grupo de valorosos Irmãos, predisposto a contribuir com o enriquecimento maçônico-cultural, no dia 28 de setembro de 1995, na sede do Supremo Conselho, após alinhar sua estruturação, concretizou a ideia plasmada, fundando a AMAFLE - Academia Maçônica Fluminense de Letras. Ao longo desses 22 anos de existência, valorosos Irmãos ocuparam a titularidade de suas Cadeiras Patronímicas, contribuindo, em particular, para seu próspero crescimento, e, no geral, para o engrandecimento da cultura maçônica em nosso país.



Com objetivo de comemorar seu 22º aniversário fundação, os Confrades da AMAFLE, atendendo ao Edital de Convocação, reuniram-se no dia 19 de setembro próximo passado, na sede do Supremo Conselho, em sessão Magna de Aniversário. Sob a presidência do Ilustre Confrade Luiz Fernando, a Mesa Diretora estava, também, composta pelos Ilustres Confrades 1º Vice-Presidente Jorge Lins e pelo 1º Secretário Francisco Feitosa.

A Sessão, que foi aberta ao público convidado, constava, em sua Ordem do Dia, além de a Comemoração do Aniversário de 22 Anos, da Posse de dois novos ilustres Confrades e da realização do I Simpósio Cultural da AMAFLE.

Seguindo a programação protocolar, os presentes entoaram, solenemente, o Hino Nacional Brasileiro, seguido da Abertura do Livro da Lei pelo Ilustre Confrade Adélman Pinheiro. Em cumprimento ao primeiro item da Ordem do Dia, coube a honrosa missão ao ilustre Confrade Francisco Feitosa, de prestar uma singela homenagem pelo transcurso natalício dos 22 anos de fundação da Academia.



O ilustre Confrade Francisco Feitosa, como preâmbulo à merecida homenagem, convidou a todos a uma viagem na história, chegando aos idos de 386 a.C., ao ilustre filósofo grego Platão, fundador da primeira Academia. Em sua explanação, citou a origem do nome “Academia”, originário do local em que fora erguida a Academia de Platão, junto ao “Jardim de Academus”, dedicado à Deusa





foto - Ricardo Sodré, 33°

O ilustre Confrade Presidente Luiz Fernando (ao centro), ladeado pelos novos membros acadêmicos da AMAFLE, recém empossados, o ilustre Confrade Victor Carlos Massena Fernandes (à esquerda), e o ilustre Confrade Roberto Gonçalves de Matos (à direita).

Atenas, deusa da Sabedoria, jardim que rodeava um mausoléu, que fora construído em homenagem ao herói grego Academus. Citou, também, a criação da Casa da Sabedoria, no Iraque; o surgimento da Academia Francesa, que inspirou a criação da ABL – Academia Brasileira de Letras. Falou sobre o movimento das Sociedades Literárias no Brasil, século XVIII e a criação da primeira Academia Maçônica de Letras, que teve o apoio do ilustre imortal, então, presidente da ABL, Austragélío de Athayde. Disse que o primeiro presidente da primeira Academia Maçônica de Letras, mais tarde, veio

a ser um dos fundadores de nossa Academia e seu primeiro Diretor Cultural. Finalizou prestando homenagem aos Confrades fundadores, nas pessoas dos ilustres Confrades Luiz Fernando e Adélman Pinheiro.

Seguindo a Ordem do Dia, o Confrade Presidente empossou dois novos membros eleitos, os ilustres Confrades Victor Carlos Massena Fernandes e Roberto Gonçalves de Matos, que prestaram, individualmente, seus juramentos, assinando-os, assim como apontando seu “Ne Varietur” no Livro

foto - Ricardo Sodré, 33°



foto - Ricardo Sodré, 33°



de Presença, assumindo a titularidade das Cadeiras Patronímicas nº 23 – patrono Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, e nº 24 – patrono João Batista Gonçalves de Campos – Visconde de Jari, respectivamente. Coube ao ilustre Confrade Luiz Corrêa – Diretor Cultural, dar as boas-vindas aos novos confrades.

foto - Matheus Paiva



O Diretor Cultural - Confrade Luiz Corrêa, abrindo o I Simpósio Cultural

Como último item da Ordem do Dia, foi realizado a abertura do I Simpósio Cultural da AMAFLE, com uma abordagem de sua estruturação e objetivos, pelo Confrade Diretor Cultural. A programação do I Simpósio apresentou a realização de duas palestras. A primeira, intitulada “O Simbolismo Maçônico”, que foi apresentada pelo ilustre Confrade, recém empossado, Roberto de Matos, que o fez com propriedades, abordando, com base no cristianismo e demais tradições da Antiguidade, a interpretação de diversos símbolos de nossa Ordem.



foto - Ricardo Sodré, 33°

A palestra seguinte, proferida pelo ilustre Confrade José Clei, intitulada “Uma Visão Geral do REAA”, destacando os Altos Graus do Rito.



foto - Ricardo Sodré, 33°

Expressou-se, com riqueza de detalhes, dissecando a origem do escocismo, abordando a criação do rito de Heredon, o exílio dos Stuart na França, o Conselho dos Cavaleiros do Oriente e do Ocidente, a origem do REAA, o Manuscrito de Franklin e a origem do primeiro Supremo Conselho e a reorganização dos 33 Graus do Rito. Ambas as palestras, estaremos publicando, suas sínteses, ainda, nesta edição.



Mestre de Cerimônias Irmão Jorge Mege, ilustre Confrade eleito

foto - Ricardo Sodré, 33°

Após as excelentes apresentações, os palestrantes receberam da Diretoria Cultural seus respectivos certificados de Participação no I Simpósio Cultural.

O Mestre de Cerimônias, Poderoso Irmão Jorge Mege, convidou o ilustre Confrade Mario Pacheco para fazer uma apresentação do anuário 2016 da 1ª Inspeção Litúrgica do RS, da qual, até então, esteve sob seu comando, como Grande Inspetor Litúrgico. Tal obra literária reúne os Trabalhos apresentados pelos os valorosos Irmãos postulantes, em sua trajetória pelos Graus do REAA, naquela Inspeção, compondo o “Grupo de Estudos Sapientia”. Foram distribuídos diversos exemplares aos irmãos presentes, em especial, aos Irmãos presidentes e oficiais da 1ª RJ.



Academia Maçônica Fluminense de Letras Jubileu de Louça

O ilustre Confrade Presidente propôs à Assembleia o nome do Poderoso Irmão Jorge Alexandre Pimentel Mege, 33° - Membro Efetivo e Delegado da 1ª RJ, após consulta prévia ao mesmo, para ingressar nas fileiras da AMAFLE, sendo votado e aprovado por unanimidade. Parabenzou aos que se empenharam na organização daquele memorável evento, agradeceu a presença dos convidados e convidou a todos para, após o encerramento daquela marcante sessão, participarem do Ágape Fraternal, onde não faltou o tradicional corte do bolo, simbolizando a coroação das comemorações

de mais um aniversário de uma profícua história de realizações, em prol da cultura.

Uma Sessão Magna que ficará marcada nos anais da linda e profícua história da AMAFLE, como mais uma grande realização cultural, estimulando o estudo dos excelsos Arcanos do REAA, com a criação dos Simpósios Culturais que, têm por fim espargir, ao Povo Maçônico, os conhecimentos de seus valorosos e ilustres Confrades!

Para deleite de nossos leitores, publicamos uma síntese dos trabalhos literários apresentados!



foto - Ricardo Sodré, 33°



foto - Ricardo Sodré, 33°



AMAFLE

Homenagem aos 22 Anos de Fundação!

Confrade Francisco Feitosa

Cadeira Patronímica nº 02 - Patrono Benjamin de Almeida Sodré

Coube-me a honrosa tarefa de prestar uma singela homenagem, ainda que superficialmente, tendo em vista que teremos outros itens não menos interessantes na Ordem do Dia dessa reunião, ao Aniversário de Fundação da AMAFLE - Academia Maçônica Fluminense de Letras, que completa 22 anos de existência, em 28 de setembro próximo.

Como preâmbulo a esta homenagem, vale sempre trazer à memória a criação da primeira Academia, fundada pelo filósofo e matemático grego Platão, discípulo de Sócrates e que teve como pupilo, nada menos do que o grande Aristóteles.

O termo Academia é originário do nome "Academus", herói grego que, segundo a tradição, mostrou aos irmãos de Helena (Castor e Polideuces), seu cativeiro, quando fora raptada por Teseu. Em homenagem a Academus, foi construído um mausoléu, em Cerameico, cemitério situado em Ática, na Grécia, região onde estava localizada a pólis ateniense. Seu túmulo era rodeado por um Jardim considerado sagrado, o Jardim de Academus, que foi dedicado à Atenas, Deusa da Sabedoria, onde foi plantado doze oliveiras, árvore que, na tradição grega, de seus galhos e folhas é criada a coroa que ornamenta a cabeça dos heróis.

Platão, em 388 a.C., computava cerca de 40 anos de idade, tendo regressado de sua primeira viagem à Sicília, e decepcionado com o luxo e os costumes da corte de Dionísio I, de onde foi expulso,

em regresso à Atenas, comprou um ginásio nas vizinhanças dos Jardins do herói grego Academus, onde construiu alguns alojamentos para estudantes.

Não há registros históricos da data exata da fundação, mas existe um consenso, de parte de historiadores, que Platão tenha-o fundado, entre 386 a 385 a.C., a célebre Academia Platônica, que, também, ficou conhecida por Academia de Atenas, ou, ainda, Academia Antiga, onde costumava conferenciar com seus discípulos. Daí o termo "academia", usado até os dias atuais, originário da escola de Platão, fundada nos Jardins de Academus, a qual ficou em atividade até o ano de 529 d.C., quando foi fechada pelo imperador Justiniano I, portanto, por um período de 914 anos de existência.

Posteriormente à Academia de Platão, encontraremos registros da criação da "Casa da Sabedoria", formada por uma biblioteca e um centro de traduções, estabelecido na época do Califado Abássida, em Bagdá, no Iraque. Foi uma instituição chave no "Movimento das traduções", tendo sido considerada o maior centro intelectual durante a Idade de Ouro do Islã. Fundada pelo califa Harune Arraxide, atingiu seu auge no reinado de seu filho Mamun (813-833). Visavam a tradução de livros do persa para o árabe, além de sua preservação. Tal instituição foi destruída durante o cerco de Bagdá, em 1258, pelos mongóis.

Em 1635 foi fundada, por Richelieu, sob o reinado de Luís XIII, da França, a Academia Francesa, uma das mais antigas instituições daquele país.



foto - Ricardo Sudré, 33°

Fechada em 1793, durante a Revolução Francesa, foi reaberta por Napoleão Bonaparte, em 1803. É a mais antiga das cinco academias que compõem o Instituto da França.

Inspirada na Academia Francesa, nasce em 20 de julho de 1897 a Academia Brasileira de Letras, fundada na cidade do Rio de Janeiro, por escritores da mais alta estirpe: Machado de Assis, Olavo Bilac, Graça Aranha, Joaquim Nabuco, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay, Ruy Barbosa e outros.

Em verdade, o movimento literário das Academias surge bem antes. Embora, com o concurso da Maçonaria, tal movimento é anterior a própria instalação da Maçonaria organizada em nosso país. Com a necessidade de a Coroa Portuguesa registrar o domínio de suas colônias, em 1720, foi criada a Academia Real, em Lisboa, e, em cada colônia portuguesa, uma Academia de Letras. No Brasil Colônia, de então, em 23 de abril de 1724, surgiria a primeira Sociedade Literária, chamada “Academia Brasília dos Esquecidos”. Seus membros eram os eruditos da época, que em retorno ao Brasil, após concluírem seus estudos na Europa, mais especificamente em Portugal e na França, onde, nas universidades tiveram contato com os movimentos libertários do Iluminismo e foram iniciados nas Lojas Maçônicas europeias.

Ao chegarem no Brasil-Colônia, no início do Século das Luzes, ainda, não existia Lojas Maçônicas constituídas. A fim de colocar suas ideias liberais em prática, aproveitaram a oportunidade das reuniões acadêmicas para levar a efeito o movimento libertário. Somente, mais tarde, surgiria as primeiras Lojas Maçônicas e o surgimento da primeira obediência maçônica: O Grande Oriente Brasília, atual GOB.

No que se refere ao surgimento das Academias Maçônicas de Letras em nosso país, estas surgiram,

tão somente, em 21 de abril de 1972, no Rio de Janeiro, sendo, de fato, instalada em 24 de junho do mesmo ano, a Academia Maçônica de Letras do Brasil, então, presidida pelo Confrade Morivalde Calvet Fagundes, com a estreita colaboração do Ilustre Confrade Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, então, Presidente da Academia Brasileira de Letras.

Em 28 de setembro de 1995, nascia nos Jardins do Supremo Conselho, esta Árvore Frondosa, a Academia Maçônica Fluminense de Letras. A altruística ideia, fora plasmada por uma plêiade de Irmãos, nossos Confrades Fundadores, dentre eles destacamos o já citado, fundador da primeira Academia Maçônica de Letras em nosso país, o Confrade Morivalde Calvet Fagundes, que foi nosso primeiro Diretor Cultural.

Ao contemplarmos os mais de nove séculos de existência da Academia de Platão, sabemos que os 22 anos, que ora comemoramos, é pouco mais do que um sopro de vida. Porém, 22, na numerologia iniciática, além de ser um número mestre, expressa o fechamento de um ciclo, a guisa dos 22 Arcanos Maiores do Tarô, ligado ao estudo dos Mistérios Maiores; das 22 letras do alfabeto hebraico e sua estreita relação numerocabalística, de Alef ao Tau. Fecha-se um ciclo para o dealbar de um novo, que ora se inicia. Que possamos nós, Confrades da Academia Maçônica Fluminense de Letras, Buscadores da Verdade, mantermos acesa a Chama da Sabedoria, a nós confiada, por nossos Confrades fundadores, espargindo, humildemente, nossos parcos conhecimentos aos mais sedentos de luz.

Ao prestar essa singela e merecida homenagem à fundação da Academia Maçônica Fluminense de Letras, permita-nos assim materializa-la, em agradecimentos, a todos os ilustres fundadores, os quais, em sua maioria, chamados pelo GADU para uma nova empreitada, não mais se encontram entre nós. Porém, não poderíamos deixar de destacar duas singulares presenças de Membros Fundadores neste auditório: os Ilustres Confrades Luiz Fernando Rodrigues Torres, nosso Presidente, e o Confrade Adelman de Jesus França Pinheiro. A esses Ilustres Confrades Fundadores, peço a todos, que se juntem a mim, em uma calorosa salva de palmas, expressando nossos mais sinceros agradecimentos.

Vida longa e profícua a Academia Maçônica Fluminense de Letras! Que isso se cumpra, em nome da Lei Justa e Perfeita! ✍



O Simbolismo Maçônico

Confrade Roberto de Matos
Cadeira Patronímica nº 24

Patrono João Batista Gonçalves de Campos
Visconde de Jari

Os símbolos, sendo uma linguagem universal e transcendental, guardam conhecimentos a vista de todos, etapas do saber no silêncio de nossa própria memória. Velam, como guardiões e sentinelas vivas e mudas no tempo, os mistérios da vida e da morte, tanto horizontal, como na vertical, representados pelo nível e o prumo.

Maçom significa “pedreiros livres”, utilizando símbolos de pedreiro na sua liturgia para transmitir o conhecimento: régua, o prumo, o compasso, o esquadro, o avental. E outros de meditação: a Bíblia, o galo, o crânio, a ampulheta, a vela acesa, o pão e a água. Sempre, procurando os “espaços vazios da alma” para germinar o espiritual, esquadrinhando e polindo os sentimentos e pensamentos - peças angulares na construção e aperfeiçoamento de si mesmo, para sair do caos. “Ordo ab Chao”. (A ordem vinda do caos).

O galo, sentinela celeste que avisa ao mundo sobre a chegada do sol, bem o discípulo acusmático. É o anunciador da luz. O sol expressa a divindade, o Cristo. (Sl.84:11) - (Lc.1:78-79). Mitra, o Messias Persa antes de Jesus, “comandante das hostes de Deus e Salvador da humanidade”, nasceu em 25 de dezembro. Diz que o galo cantou no momento do seu nascimento. Incorporado pelos Bispos de Roma como a “Missa do Galo”, realizada de dia 24 para o 25 de dezembro. Sendo esse o dia mais luminoso do ano, “Solis Invictus”, o cristianismo, também, convencionou como o do nascimento do Cristo.

Na Maçonaria, o galo “é visto como símbolo de vigilância e da mente perpetuamente desperta, gerador da

esperança e o anunciador da ressurreição, transformando o profano em iniciado. Seu canto marca a hora sagrada do alvorecer, o triunfo da luz sobre as trevas”.

Crânio e a Ampulheta - ossos e carne fazem parte da unidade do corpo, unindo a vida e da morte, num único objetivo: desnudar a alma da matéria densa, vesti-la de luz e conscientiza-la numa dimensão espiritual.

A ampulheta, a passagem do tempo, o fim e o início das coisas; o término de um e o início de um novo ciclo da vida. O crânio representa a porta que se abre para o universo, a “*abobada celeste, sendo os olhos da caveira as estrelas, a parte superior do crânio as nuvens*”. A palavra “calvário”, vem do grego e traduz “Kranion” (crânio), empregado pelos evangelistas para traduzir o arábico “gûlgûtha”, “gôlgota”, literalmente “crânio”, que, na Bíblia, é o lugar perto de Jerusalém onde teve lugar a crucificação de Jesus Cristo. (Lc.23:33; Mt.27:33).

Ambos mostram ao homem “a transitoriedade da vida” e, o além, “o renascimento espiritual”, a passagem do Ser do visível para o invisível, do físico e profano para o de iniciado e espiritual.

Vela - os olhos precisam se acostumar com a luz intensa, no físico e no espiritual, sob pena de cegueira, como ocorrido com Paulo de Tarso no caminho de Damasco. Somos cegos na luz do Cristo. A vela acesa lembra-nos que é através da iluminação dos nossos pensamentos que nos preparámos e acostumamos a nossa visão espiritual à luz que vamos receber numa iniciação.



O pão e a água são símbolos judaicos. Elias tendo adormecido sob uma árvore (o zimbro), é despertado por um anjo de quem recebe pão e água, antes de subir ao monte Horeb. (1Reis19:5;6). Simboliza a simplicidade que deverá orientar a nossa vida diária. Alguns cristãos jejuam a pão e água.

Avental - na Maçonaria Operativa o avental era de proteção. Na Especulativa, adquiriu novas interpretações filosóficas, moral e espiritual, lembrando ao maçom que o seu trabalho é constante e consciente. Tem na união e nas bênçãos celestiais, o ideal maior da vida, como o de servir ao próximo e de trabalhar para a luz.

O “avental é mensagem, é herança do passado, emblema de trabalho, sacrifício, proteção, devoção e dedicação a um ideal. Ele cobre, isola, protege, separando a parte inferior do corpo da superior, demonstrando que o trabalho maçônico é superior, espiritual, onde se usa a vontade, a razão, o conhecimento e, não os sentimentos passionais da vaidade ou de uma sexualidade descontrolada”. “O avental é o único que dá ao maçom o direito de penetrar nos templos e de participar das reuniões, qualquer que seja o seu cargo” e o grau, sendo proibido ficar sem o avental em Loja.

Livro da Lei - são princípios da inspiração divina. Muitos são os Livros da Lei. Pode ser de qualquer religião, dizendo que Deus abraça todas as crenças e a Maçonaria respeita e vivencia isso em suas Lojas, já que não é uma religião no sentido institucional e dogmático. Sem a abertura da Bíblia, com as disposições sobre ela do esquadro (justiça) e do compasso (perfeição), informando o grau a ser vivenciado, a Loja não funciona.

Sua abertura e leitura não são, apenas, um “ato singelo ou mecânico”, que se deve fazer, é um “sopro de alma” no interior de cada um, onde deve desaparecer o homem profano, os sentimentos confusos e desarmonizadores.

Ser maçom é uma escolha de vida, de fidelidade ao bem maior. Ao fazer essa escolha é preciso saber qual é o propósito da sua vida, e se alinhar com a dinâmica de seu viver.

O Esquadro e o Compasso promovem conceitos de justiça e perfeição. Representam o material e o espiritual. Quando o maçom diz que tudo está ‘justo e perfeito’, está dizendo que tudo está conforme as regras da moral, dos bons costumes, do espiritual e das leis estabelecidas no social, na natureza, nele mesmo.

O esquadro delimita os alicerces em ângulos de nossa construção humana, que, se “convenientemente enquadrado, caminhamos sem dificuldades pela grande via”. (Lao-Tsé). Assim, devemos esquadrihar nossos atos e pensamentos, separando o sutil do grosseiro, dando ângulos, lisura e alicerce à nossa estrutura humana.

O Compasso designa a ação ordenada do espírito no interior da matéria, estabelecendo no homem, aberturas e limites de percepção do celestial, criando espaços vazios aptos para serem fecundados pelo verbo iluminado, o “fiat lux”. Essa ‘abertura interior’ permite ao maçom penetrar nos arcanos mais secretos e profundos do seu Ser, nas iniciações, que só os ouvidos atentos e os olhos abertos, escutam e veem.

O esquadro um instrumento rígido, o compasso flexível, demonstrando que o maçom em alguns momentos deve ser rígido, em outros flexível, sem, contudo, se exaltar ou se vangloriar em suas ações, estar sempre voltado para Deus, representado no grande “G”, no centro deles. Ser rígido “sem perder a ternura”. Ser flexível sem perder a seriedade.

O “G” dentro do compasso e do esquadro, significa Deus em inglês, “God”. “É o homem na sua maior e mais perfeita obra da Criação, na palavra hebraica “ghimel”, que se entende pelos deveres do homem para com Deus e seus semelhantes”.

É a Onisciência, a Onipresença e a Onipotência - virtudes divinas do GADU. É a força geradora do “espírito vivificador” no centro de tudo e de todos.

Esse “Olho de Deus” em nós, está definido no Apocalipse e em Daniel sobre a visão da vinda do Cristo, que “Todo Olho o verá...” (Ap.1:7)-(Dn.7:13). No templo maçônico simboliza Onisciência do GADU, olhando nossas ações, pensamentos e sentimentos.

O maçom é “Filho da Luz”. (1 Ts.5:5). A Maçonaria revela ao maçom, a luz espiritual de sua própria alma. Se vai perceber-la, se conscientizar dela, vivenciá-la, segui-la, tornar-se essa Luz, é coisa íntima de cada um.

Se tu és luz, Nietzsche ordena: “*Torna-te quem tu és*”. Só temos um caminho – o nosso. Só temos uma luz – a nossa. Só temos um lugar para amar – o nosso coração. ✍



Uma Visão Geral do REAA

Confrade José Clei

Cadeira Patronímica nº 21

Patrono Antônio Frederico de Castro Alves

Quando à história, se em 2017 comemora-se o tricentenário da maçonaria especulativa obediençial fato que se deu no salão da TAVERNA DO GANSO E DA GRELHA, na noite de 24 de junho de 1717, o que nos interessa no momento, foi o que aconteceu na fria manhã de 30 de janeiro de 1649, diante do Palácio Whitehall, quando o rei Carlos I, foi decapitado por traição. Logo após, houve o exílio da rainha viúva, de seus filhos pretendentes ao trono e de influente séquito de exilados notadamente escoceses e irlandeses, emigrados para a França. Lá nasceu o movimento político reacionário que passou à história como “jacobitismo” que procurou assumir reação política à derrubada da dinastia Stuart. Também estavam inclinados a se impor no terreno militar.

Recebidos de forma muito superficial pelo rei Luís XIV, em Saint Germain-En-Laye, estavam autorizados a circular apenas por um corredor territorial relativamente limitado entre esta localidade, Paris e a cidade portuária de Bordéus. A corte francesa era povoada por espíões a soldo fácil, não só pelo influente “Rei-Sol”, também pelos ingleses republicanos, comerciantes holandeses, alguns estados protestantes alemães, o interesse comercial espanhol, além da Igreja Católica Romana que havia perdido suas posses na Inglaterra, sob o reinado do rei Henrique VIII e sua reforma anglicana e que, depois da derrocada dos Stuart, alcançou a Escócia e a Irlanda, também.

Em condições potencialmente adversas, não restou muito aos exilados do que o já conhecido acobertamento das lojas maçônicas. Mas, diante dessa situação peculiar, não puderam se estabelecer em lojas comuns. Foram mais adiante e estabeleceram o que podemos considerar como o cariz jacobita de excelência, isto é, em lojas que funcionavam paralelamente. Nelas era necessário o conhecimento de uma lenda que fosse peculiar e proporcionasse uma espécie de chave para o ingresso. A atenção fixou-se na alegoria da construção do primeiro templo de Jerusalém que, segundo claríssimos relatos bíblicos, havia sido mandado construir pelo rei Salomão de Israel, ajudado pelo rei Hiran de Tiro e pelo hábil construtor e arquiteto Hiram Abif. Portanto, apenas o tradicional acobertamento das lojas maçônicas que já iam se tornando comuns em França, não bastou aos jacobitas.

Acabaram alçando mão de figuras dispostas em personagens bíblicos inequívocos, utilizando o relato de uma das mais célebres construções conhecidas do mundo antigo, disposta em um livro incontestável à época, a Bíblia Sagrada. Perceberam claro viés estabelecido entre esse material e uma dada lenda que já fora ligada às velhas guildas maçônicas operativas e até permitiam digressões paralelas à lenda original e que hoje poderíamos chamar de “licenças narrativas”.

Mas, toda a causa política tem o seu tempo e por volta da década de 1750, houve o inexorável



foto - Ricardo Sodré, 33°

declínio político e militar da causa jacobita e houve a necessidade de abertura dessas lojas peculiares a novos maçons e que já eram formados em lojas francesas comuns. Diversos maçons já vinham procurando esse grupo de maneira proposital, pois estavam norteados por sua prosaica discrição e respeito aos princípios maçônicos especulativos mais notórios, diante de obras literárias de estilo incendiário e panfletário que não paravam de surgir. O jacobitismo foi o ponto fora da curva dentro do panorama maçônico do período.

Com a introdução de novos elementos, normalmente livres do espírito político reacionário jacobita original, o movimento foi verdadeiramente se tornado algo bem maior, influente ao ponto de vir dispor-se como um incontestável paradigma maçônico humanista e universal que atendia à excelência criativa do espírito humano iluminista e utilitarista. O declínio do jacobitismo foi concomitantemente à ascensão do “escocismo”, cujo nome foi estabelecido em homenagem aos “Mestres Escoceses” que haviam sustentado o movimento jacobita durante muitos anos. Eles haviam sido importantes reservas morais da maçonaria durante um período muito difícil. Devemos a eles a sobrevivência do espírito maçônico especulativo universal. Tornado um movimento maçônico mais permeável, o escocismo pôde conceber e adaptar-se completamente à introdução de diversas correntes do pensamento que, principalmente a partir de meados do século XVIII, fizeram irresistível sucesso entre as elites intelectuais e sociais do Ocidente. Adotou o empirismo, o iluminismo e o utilitarismo, as principais correntes do pensamento do período.

Entre os anos de 1754 e 1762, o movimento escocista foi se intensificando e integrando-se

ao panorama maçônico da capital francesa e de áreas localizadas entre a capital e Bordéus, ambas originais às influências jacobitas. Após 1762, organizou-se no que passou à história como Rito de Herdon. Foi esse rito que chegou aos Estados Unidos da América, por volta de 1780, por meio de maçons das Antilhas Francesas que mantinham relações comerciais com norte-americanos e que depois terminaram emigrados por conta da revolução pela independência do Haiti. Livres de controles externos, impostos pela Revolução Francesa, proeminentes maçons norte-americanos viram a possibilidade de incrementar o rito que haviam aprendido a admirar e se dispuseram a criar novos graus, arrumar mais matérias e redistribuí-las o melhor que fosse possível pelas séries, subindo-o em mais oito altos graus.

Ao final de quase uma década após sua chegada aos Estados Unidos da América, acabou nascendo oficialmente em 31 de maio de 1801, na cidade de Charleston, na Carolina do Sul. O chamaram de RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO. Nele dispuseram velhas tradições de tempos anteriores aos jacobitas, daí ser “antigo”; faz menção nominal “Mestres Escoceses”, sendo “escocês”; apreciou a Lenda do Templo e o núcleo hirâmico, mencionado no título como “aceito”. Também deu ênfase à outras lendas, como a reconstrução do templo ao tempo do General Zorobabel, “Atherzata” do rei Ciro da Pérsia, e, finalmente, à Ordem do Templo, cujas alegorias e lendas haviam sido reerguidas e aculturadas “maçonicamente” pelo celebrado Mestre-Escocês Andrew Michael Ramsay, a partir de meados da década de 1730, em seu afamado e conhecido “Discurso”.

Em uma espécie de metanoica, o REAA foi tornado algo capaz de exercer uma influência poderosa nos espíritos dos homens e é por isso que vale a pena sua defesa cultural, pois é isso que ele é: uma manifestação cultural! Em cada uma de suas cerimônias, evoca-se a união entre tradição, conhecimento e sabedoria, e as festejamos em cerimônias que se constituem como bodas de justa e perfeita união desses três elementos, envolta em perpétua discrição e fidelidade. ✍



Shopping 33

A Loja Virtual do Rito Escocês Antigo e Aceito



Catálogo 2017

*Sempre
Novidades!*

